

Vôo 961 ***seqüestrado!***

JOHN DYSON

O COMANDANTE Leul Abate, 42 anos, acomodou-se na poltrona e iniciou os procedimentos habituais de verificação realizados antes de cada vôo. Seu Boeing 767, decorado com o exuberante leão dourado da Ethiopian Airlines, brilhava sob o sol africano. O vôo 961 decolou para uma viagem de 12 horas, cruzando a África de Adis-Abeba – capital da Etiópia – a Abidjan, na Costa do Marfim, com três escalas previstas.

Apelidado de *Zulu*, esse 767 era o favorito de Leul dentre os dez jatos da frota da Ethiopian. Ao lado do comandante, o co-piloto Yonas Merkuria, 34 anos, fazia a verificação dos dois potentes motores do avião. O dia estava perfeito para voar e ele esperava ansioso pelo início do vôo 961, em companhia do tranquilo Leul.

Somente uma vez Yonas viu Leul nervoso. Num vôo recente, saído de Londres, Yonas contara uma piada sobre seqüestros.

– Não se deve brincar com esse tipo de assunto – disse Leul furioso.

– Mas o que se pode fazer? Enfrentá-los?

– De jeito nenhum. Faça exatamente aquilo que pedirem.

Yonas mudou o rumo da conversa, mas não conseguiu esquecer o perigo de um seqüestro. Envolvida na persistente guerra civil dos países do leste da África, a Etiópia fora palco de vários

O Boeing 767 estava ficando sem combustível, mas nem assim os três seqüestradores permitiram a aterrissagem

seqüestros nos últimos anos. Conseqüentemente, as medidas de segurança no pequeno aeroporto foram rigorosas e o embarque de passageiros, lento. Leul suspirou e olhou para o relógio. Já chegara a hora da partida do vôo 961: 10h45 daquele sábado, 23 de novembro de 1996.

Poucos dos 166 passageiros que embarcavam reconheceram o homem da segunda fila: Mohamed Amin, 53 anos, o câmara de televisão cujas imagens alertaram o mundo sobre a tragédia da fome na Etiópia, 12 anos antes.

No assento 8B, Ron McFarland, 48 anos, americano que viajava para promover o novo caminhão desenvolvido

Os bandidos pareciam perigosos mas também amedrontados, o que os tornava imprevisíveis

por sua empresa no Japão, começou a conversar com Rani Nankani, 50 anos, que estava indo para a Nigéria depois de visitar os dois filhos na Índia.

Frank Huddle, 53 anos, cônsul-geral americano, e sua esposa tailandesa, Chanya, estavam no mesmo vôo de Nankani vindo de Bombaim. Sentaram-se nas poltronas 9C e 9D da classe executiva.

Dentre os últimos a embarcar estavam três jovens etíopes. Um deles, com cerca de 28 anos, vestia calça bem larga e boné de beisebol, e deu o nome de Matheas Solomon. Os outros chamavam-se Alemayehu Bekele e Sultan Nur Hussien. Sultan era muçulmano; os outros, cristãos. Ainda assim, uniram-se pelo mesmo sonho absurdo.

Às 11h09, ouviu-se o barulho dos motores. Finalmente *Zulu* decolou, lançando-se ao céu sem nuvens. Depois que o avião atingiu aproximadamente 9.500 metros, Leul desligou o aviso para usar o cinto de segurança e Yonas começou a relaxar, admirando o imenso vale abaixo.

De repente, ouviram-se berros.

– Sentem-se!

– Calem a boca!

– Façam o que mandarmos!

Liderados por Matheas, os três corriam pelos corredores gritando. Pegaram uma garrafa de uísque do carrinho de bebidas e dirigiram-se à cabine.

Quando a porta foi violentamente aberta, Yonas virou-se e viu um jovem muito magro, Alemayehu, já no interior da cabine. Usava luva preta na mão direita e

segurava algo do tamanho de uma bola de tênis.

Alemayehu encaminhou-se para o assento desmontável atrás do capitão quando Matheas entrou na cabine. Sultan veio logo em seguida.

– Vamos bater em vocês até matá-los! – gritou, apanhando o machado de incêndio pendurado na parede.

Enquanto Sultan e Matheas davam socos na cabeça de Yonas, Leul ergueu as mãos em gesto de paz.

– Faremos o que quiserem – disse. – Não batam nele!

– Saia! – Sultan gritou para Yonas.

Quando o co-piloto conseguiu livrar-se do cinto de segurança, foi expulso dali aos empurrões.

Enquanto os seqüestradores esta-

vam distraídos, Leul trocou o código do transreceptor, que registra as telas do controlador de tráfego aéreo pelo alerta internacional de seqüestro. Também apertou de leve o botão do rádio e disse duas vezes em voz baixa: “Vôo 961 seqüestrado.” O piloto de outro avião ouviu. Agora, o mundo todo sabia o que estava acontecendo.

Matheas ordenou que uma aeromoça lhe mostrasse como usar o microfone e anunciou aos passageiros: “O avião está sob nosso controle. O destino foi alterado. Temos uma bomba e estamos preparados para usá-la. Não temos medo de morrer.”

ENQUANTO SULTAN vigiava a porta da cabine, segurando o extintor de incêndio de forma ameaçadora, Matheas ocupou o assento do co-piloto. Com a barba asseada e a ponta do cartão de embarque aparecendo no bolso de trás da calça, assemelhava-se a um estudante. No entanto, Leul – que já fora seqüestrado duas vezes antes – reconheceu a louca determinação em seus olhos.

Na primeira vez, os seqüestradores, armados com granada, exigiram que ele fosse para Nairobi, mas foram levados para o Djibouti. Entregaram-se quando Leul aterrissou. Na segunda, cinco seqüestradores queriam ir para a Suécia. Quando Leul os convenceu a aterrissar para abastecer, o líder foi capturado e os demais renderam-se.

Agora, Leul esperava que os seqüestradores seguissem o mesmo padrão.

– Tudo bem – disse calmamente. – O que desejam?

– Queremos ir à Austrália pedir asi-

lo – Matheas respondeu. – Mude seu curso.

– Austrália! – Leul assustou-se. – São nove ou dez horas, ou até mais. Isso é impossível!

Matheas enfureceu-se:

– Austrália ou explodimos o avião!

Leul apontou para o monitor digital dos marcadores de combustível.

– Olhe, só restam 14 toneladas e gastamos cinco toneladas por hora. Não há como chegar à Austrália.

Matheas saiu da cabine revoltado, pegou uma revista de vôo e abanou-a na cara de Leul.

– Você está blefando! – gritou, indicando com o dedo a página com figuras sobre a frota da companhia. – Boeing 767, faixa de 8 mil quilômetros, 11 horas – leu os detalhes em voz alta.

– Correto, quando os tanques estão cheios – Leul respondeu, explicando que não precisariam abastecer para chegar à primeira escala, Nairobi.

Matheas ficou atordoado por um momento e depois gritou:

– Faça o que digo! Existem onze de nós lá atrás e estamos prontos para morrer – blefou.

– Está bem – Leul concordou, definindo novo curso para o Quênia.

O volume na luva preta do seqüestrador sentado atrás dele não parecia grande o suficiente para ser uma granada, porém Leul não arriscaria. Poderia haver outros seqüestradores no avião.

Além disso, o manual de operações da empresa foi bem específico. Pilotos não devem enfrentar seqüestradores nem tentar subjugá-los, mesmo quando isso parecer possível. Devem permanecer calmos e cooperar. *Isso funcionou*

duas vezes antes e pode funcionar agora, Leul pensou. *Ninguém seria louco de cruzar o Oceano Índico sem combustível suficiente para chegar ao outro lado*, disse a si mesmo.

Enquanto o avião atravessava o Quênia, Leul informou que estava desviando a rota para a Austrália.

– Confirme se tem combustível suficiente para chegar à Austrália – solicitou o controlador de tráfego William Ochami, em Nairobi.

– Negativo. Temos combustível para apenas duas horas e meia.

– Aguarde – Ochami informou.

Depois de muito consultar os chefes de segurança e a polícia, mandou men-

Leul olhou os mostradores e gelou. Tanque esquerdo: ZERO. Tanque direito: ZERO

sagem pelo rádio: “Você tem permissão para abastecer em Mombasa com quantidade de combustível suficiente para chegar à Austrália e decolar novamente. Os seqüestradores não têm motivo para ter medo.”

Leul conectou o rádio ao alto-falante para que eles pudessem ouvir. Furioso, Matheas interrompeu a transmissão e tomou o fone de ouvido de Leul.

Às 13 horas, próximo a Mombasa, Leul virou em direção sul, seguindo a estreita linha de espuma branca onde o oceano azul batia contra a orla marrom da África. Quando os seqüestradores caíssem em si, ele teria de encontrar uma saída. Mas voava em território onde a Ethiopian Airlines não operava. Seu computador de na-

vegação não estava programado para a área e não tinha mapas.

Espere um minuto!, Leul pensou.

Lembrou-se do atlas de bolso que usou para identificar marcos para os passageiros. Pegou o pequeno livro na caixa de vôo ao lado de seu assento, abriu-o e passou o dedo pelo mapa da costa leste da África. À frente encontrava-se Moçambique. A leste estava a imensa ilha de Madagascar. Entre as duas, Leul identificou pequena mancha denominada Comores. Pensativo, pôs o atlas de lado.

Por favor, ajude-me a salvar essas pessoas, rezou.

– Por que desejam matar todas essas pessoas inocentes? – Leul perguntou.

– Queremos fazer história – disse Matheas, tomando um gole de uísque.

Leul vacilou. *Eles são mesmo malucos, vão fazer isso e não dão a mínima!*

Subitamente, Matheas viu o litoral abaixo.

– Por que está seguindo a costa? – perguntou com muita raiva. – Vire o avião!

Leul virou 90 graus para a esquerda e para leste sobre o oceano. O avião agora tinha combustível para apenas 450 quilômetros. Portanto, não seria possível nem chegar até a metade do caminho para Madagascar. A última esperança era Comores.

APÓS O PRIMEIRO choque causado pelo seqüestro, a tensão na cabine diminuiu. Guardando a porta com extintor

de incêndio, Sultan finalmente permitiu que os passageiros fossem ao banheiro e que uma aeromoça servisse o almoço para as crianças.

Yonas, com a cabeça ainda doendo, continuava a vigiar atentamente a porta da cabine. Quando um dos seqüestradores a abriu, viu o capitão limpando o suor da testa.

A situação deve estar feia, pensou.

O co-piloto percebeu que a bomba era um blefe. Achava que poderia dominar num instante o seqüestrador que vigiava a porta. Mas não tinha certeza de sucesso e estava preocupado com as regras da empresa. Lembrou-se da resposta de Leul quando perguntou se os pilotos deveriam enfrentar seqüestradores: “De jeito nenhum. Faça exatamente aquilo que pedirem!”

Além disso, Leul seria obrigado a aterrissar em algum lugar. *Ninguém ficaria sem combustível deliberadamente,* pensou.

LEUL BATEU O DEDO no marcador de combustível.

– Vocês têm 45 minutos de vida – avisou aos seqüestradores.

Com o olhar fixo, Matheas não disse nada.

Um ponto azul-escuro surgiu no horizonte. Era Grande Comore, a maior de um grupo de ilhas tropicais. As letras HAI apareceram no mapa computadorizado no avião, indicando sinal de aviação na ilha. *Deve haver um grande aeroporto também.*

ESPERANDO QUE os seqüestradores se conscientizassem da situação de perigo, Leul avisou:

– Trinta minutos de vida!

Matheas inclinou-se e bateu na cabeça de Leul com a garrafa de uísque.

– Não me diga isso! – gritou.

Piscando muito para livrar-se das lágrimas causadas pela dor, Leul viu a costa. *Lá! Graças a Deus!* Era um aeroporto com longa pista. Jurando não voar mais independentemente das ameaças dos seqüestradores, Leul fez com que o avião desse a volta.

– Por que está virando? – Matheas vociferou.

– Estamos sem combustível.

– Não importa. Continue!

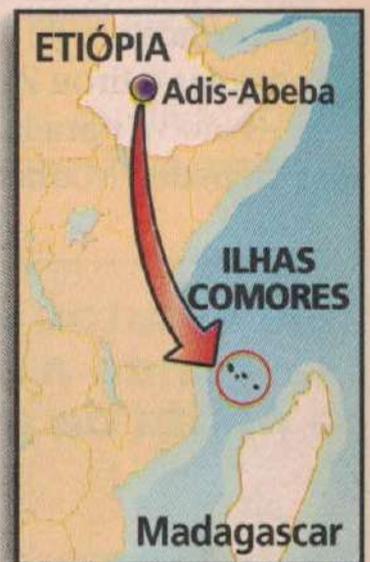
Leul olhou para os marcadores e gelou. Tanque direito: ZERO.

O avião começou a ziguezaguear. O motor direito parou e o esquerdo logo deixaria as tubulações secas.

Leul pegou o microfone para falar com os passageiros. “Aqui fala o comandante. Estamos sem combustível. Um motor parou e o outro vai parar em poucos momentos. Preparem-se para um pouso de emergência.”

HOUVE CHOROS E GRITOS seguidos de briga para conseguir um salva-vidas. Yonas e uma aeromoça deslocavam-se lentamente pelo corredor, acalmando as pessoas e ajudando-as a se preparar para o desastre.

Depois de um solavanco, o segundo motor parou. A cabine ficou silenciosa.



Só se ouvia o assobio causado pelo atrito do ar com o revestimento do avião. Yonas correu em direção à cabine.

LEUL PILOTAVA AGORA um planador muito pesado. A potência acabara e com ela, os recursos visuais – como radares e computadores. Os controles estavam pesados. Sem os freios aerodinâmicos, era impossível diminuir a velocidade para aterrissar.

Enquanto Leul fazia com que o avião descesse em espirais, Matheas teve um acesso de loucura, agarrou os controles e tirou Zulu do curso.

– Não vá para lá – gritou.

Bêbado, Matheas lutou com força

água, Leul decidiu-se relutante. Esperava que os passageiros pudessem ser resgatados se os colocasse ao alcance da ajuda provavelmente vinda da costa.

Leul tinha avistado um local na Grande Comore: uma praia com grande faixa de areia branca e com hotel, cercada por calmas águas azuis pontilhadas de veleiros. Dirigiu-se para ela.

A PORTA DA CABINE abriu-se e Yonas gritou, decidido:

– Tenho de ajudar o capitão.

– Ele não precisa de você! – Matheas gritou, ameaçando-o com o machado.

Ignorando-o, Yonas assumiu suas

Ele escutou o som do metal rasgando a água e percebeu que a ponta da asa mergulhara



insana para dominar os controles. Mas Leul conseguiu impedir que o jato desse um mergulho suicida.

– Deixe-me sozinho – Leul suplicou exausto.

Matheas parou então de brigar.

– Não tente aterrissar ou explodiremos o avião! – ameaçou.

Zulu havia descido 6 mil metros e agora estava a 32 quilômetros da costa. O aeroporto não era mais visível.

Vou ter de forçar a aterrissagem na

funções. Agora, a apenas 45 metros de altitude, Zulu estava se aproximando da praia a 2.500 metros de distância, com velocidade de 370 km/h.

Enquanto Yonas segurava os controles para ajudar Leul, Matheas inclinou-se e empurrou a alavanca de controle para a esquerda.

– Pelo amor de Deus, deixe-nos cumprir nosso dever! – Yonas gritou, nivelando o avião.

Matheas recuou e os pilotos con-

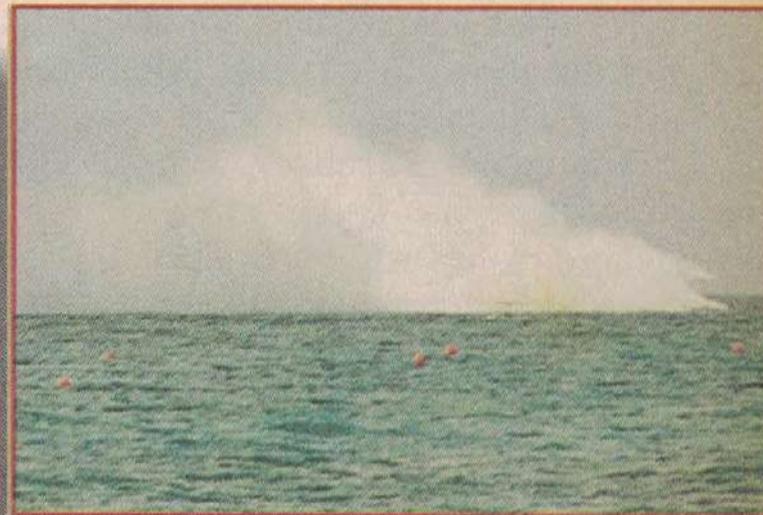
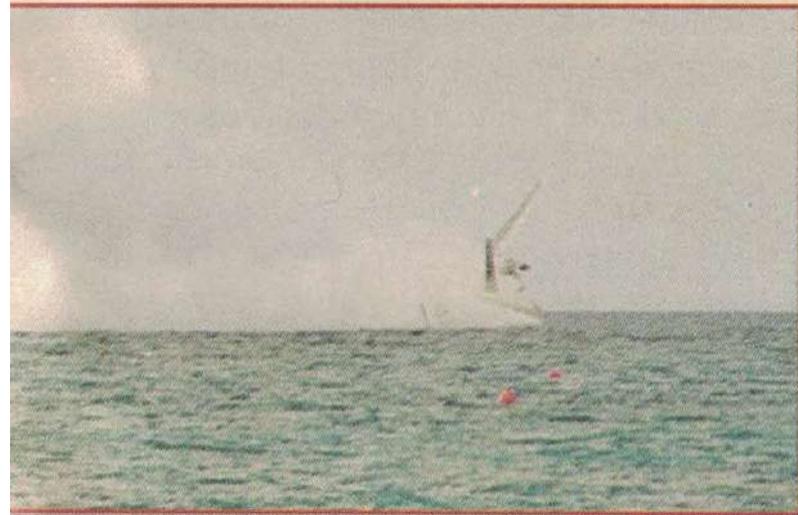
centraram-se em fazer com que o jato descesse. *O avião deveria deslizar e parar como um esquiador aquático que se solta da corda presa à lancha*, Leul pensou. Mas as probabilidades estavam contra ele. Sem os freios aerodinâmicos, a aterrissagem seria 144 quilômetros por hora mais rápida do que o normal.

À medida que o avião voava em enorme velocidade para a praia, Leul inclinou *Zulu* para que ficasse paralelo à costa. Voando em equipe agora, os dois pilotos guiaram o jato. Puxaram o nariz do avião um pouco para cima com o objetivo de perder velocidade. Ainda a 314 km/h, Yonas gritou:

água. O corpo do avião resvalou dando uma volta. A cauda sacudiu-se violentamente. A asa direita arqueou-se para cima enquanto o avião continuava a deslizar. Com a explosão, o jato desapareceu no meio da água.

QUANDO DEU POR SI, Frank Huddle estava sentado confortavelmente em sua poltrona. Com a água morna na altura da cintura, boiava num dia ensolarado de céu azul. Sua mulher estava a seu lado, ainda presa ao assento.

Flutuando entre os entulhos, Rani Nankani viu um rosto ensangüentado.



– Está encostando!

A asa esquerda mergulhara no mar.

– Vamos lá, *Zulu*. Você pode fazer isso! – Leul murmurou.

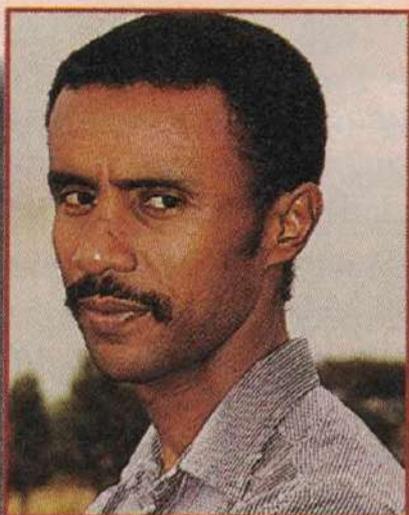
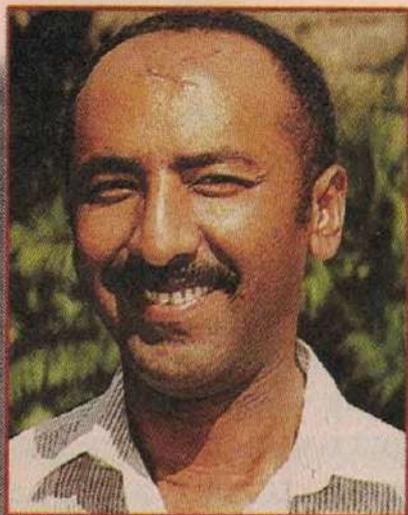
Deixando um rastro de espuma, o avião deslizou pela água.

Na praia, uma turista sul-africana conseguiu filmar os segundos finais do vôo 961 com sua câmera de vídeo. O motor esquerdo foi atingido por uma onda, arrastando a asa para baixo. Quando o motor se partiu, a asa caiu na

– Ron, é você? – gritou.

McFarland inflou seu colete salva-vidas e soltou o cinto de segurança. O tornozelo de Nankani estava pendurado apenas por um pequeno pedaço de pele. Uma das pernas de Ron estava deslocada na altura do quadril. Com Nankani segurando em seus ombros, nadou para onde estariam a salvo.

Com o impacto, *Zulu* partiu-se em três pedaços. A parte central do avião – sem as asas – a parte do nariz e a



Comandante Leul Abate (esquerda) contou com a ajuda do co-piloto Yonas Merkuria ao amerissar com o 'Zulu' nas águas do Oceano Índico

cauda flutuavam de cabeça para cima na margem de um recife. Os passageiros sentados próximos às áreas partidas vieram à superfície, alguns muito machucados, outros ilesos. Mohamed Amin teve morte instantânea.

Enquanto a cabine começava a afundar, Yonas nadou até a porta e quebrou a superfície próxima a um bote salva-vidas semi-inflado. Arrastando-se para dentro do bote, procurou por Leul.

Durante meio minuto, não houve sequer um sinal e, por fim, Yonas o avisou. Com o sangue escorrendo pela face em virtude do ferimento na cabeça, Leul boiava de barriga para cima e tossia muito. Conseguiu escapar pela janela da cabine.

Yonas nadou até onde ele estava:

– Leul, você está bem?

– Não! – respondeu o capitão ofegante.

Yonas arrastou-o para o bote. Leul parecia estar num mau dia.

– Não morra! Não faça isso comigo! – Yonas gritou.

Minutos mais tarde, o piloto e o co-piloto foram resgatados por um barco que se dirigiu para a costa, enquanto Yonas pressionava o peito de Leul para tirar-lhe a água dos pulmões. *Ele vai viver*, Yonas

pensou com satisfação quando chegavam à praia.

Trabalhando em trajes de banho, médicos franceses e sul-africanos em férias que estavam mergulhando nas redondezas atendiam os feridos trazidos à praia pelos barcos a motor do hotel. Entre os 125 que morreram estavam os três seqüestradores. Por milagre, 46 passageiros e quatro dos nove tripulantes sobreviveram.

Os dois pilotos logo voltaram ao trabalho. Foram elogiados pelo capitão Clive Elton, encarregado do treinamento em 767, ex-presidente da Associação de Pilotos e Navegadores Aéreos da Grã-Bretanha. “Foi a incrível façanha de coragem e brilhantismo desses pilotos que salvou tantas vidas.”



ANÚNCIO VISTO NO *Willamette Week*, de Portland, Oregon (EUA): “Homem de 46 anos, brilhante, espirituoso, elegante, bom dançarino, amante sublime. Modesto.”